

A POESIA DE AMÍLCAR CABRAL: A SOCIEDADE CABO- VERDIANA VISTA ATRAVÉS DA SUA POESIA

Sandiely Soiani Dutra

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

sandiely.soiani@hotmail.com

Prof. Me. José Braulio da Silva Junior

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

josebrauliojunior@hotmail.com

Resumo

Neste trabalho, ressaltaremos um pouco sobre a literatura da Guiné- Bissau, cidade natal do poeta Amílcar Cabral e as fases na literatura da Guiné em função do seu conteúdo: uma primeira fase anterior a 1945, uma segunda entre 1945 e 1970, outra entre 1970 e o fim dos anos 1980 e finalmente a fase iniciada na década de 1990. Apresentaremos também a infância e a juventude de Amílcar Cabral, onde viveu parte de sua vida em um período problemático da história do Cabo Verde, que foi marcado, social e economicamente, pela crise agrícola. No campo pessoal é necessário mostrar sua experiência de vida entre dois mundos: o trabalho rural de Santiago e o mundo urbano de São Vicente. Este contexto foi marcado por um período transitório em termos culturais literários, o saber, a passagem do movimento Claridade para a geração Certeza. A escrita poética foi nesse período a única forma de expressão usada por Cabral. Foi através dele que ele descreveu como viu e interpretou a sociedade Cabo Verde. Anos mais tarde, descreveu esta expressão de forma como uma "manifestação artística" que, apesar de toda a característica individual, imanente, a personalidade do Poeta, é necessariamente uma produção, o meio em que ela tem expressão, isto é, dizer que por maior que seja a influência do próprio indivíduo sobre o trabalho que ele produz, é sempre nos últimos tempos um produto do complexo social em que foi gerado, que tem suas raízes nas condições socioeconômicas em que é criado, "um instrumento precioso para tentar perceber a influência da sociedade cabo-verdiana no processo de formação e modelagem da personalidade Cabral". O patrimônio poético de Cabral foi marcado por um processo evolutivo, dos quais destacamos três fases. Podemos dizer que foi a experiência e identificação com o arquipélago que mais tarde levou Cabral a englobar Cabo Verde no contexto da luta de libertação.

Palavra-chave: Cabo Verde, história, sociedade, literatura.

Abstract

In this work, we highlight a little about literature of Guiné- Bissau, hometown poet Amílcar Cabral and the phases in the Guinean literature in terms of their content: a first phase prior to 1945, a second between 1945 and 1970, another between 1970 and the end of the 1980s and finally the beginning of the 1990s. We will also present the

childhood and youth of Amílcar Cabral, where he lived part of his life in a troubled period of the history of Cabo Verde, which was marked, socially and economically, by the agricultural crisis. In the personal field it is necessary to show their experience of life between two worlds: the Santiago rural work and the São Vicente urban world. This context was marked by a transitory period in cultural literary terms, namely the passage from the Clarity movement to the generation Certainty. Poetic writing was in this period the only form of expression used by Cabral. It was through he that he described how she saw and interpreted Cabo Verde society. Years later, described this form expression as na “artistic manifestation” that despite all the individual characteristic, immanent oh the personality of the Poet, is necessarily a produc oh the medium in which it has expression, that is to say that however great it may be the influence of the individual himself on the work he produces this is always in the last times a product of the social complex in which it was generated, which has its roots steeped in the socioeconomic conditions in which it is created, “a precious instrument to try to perceive the influence of Cabo Verde society in the formation process and modeling of Cabral personality”. The poetic patrimony of Cabral was marked by na evolutionary process, of which we highlight three phases. We can say that it was the experience and identification whit the archipelago that later led Cabral to encompass Cabo Verde in the context of the liberation struggle.

Key Words: Cabo Verde, history, society, literature.

Introdução

Este trabalho indica referências que poderão ser o ponto de partida para um estudo mais completo e atualizado, uma vez que se refere ao panorama literário guineense até 2000. A limitação das fontes de pesquisa foi o maior problema encontrado, mas estas insuficiências não deixará que este trabalho fique incompleto.

Guiné-Bissau, dentre as colônias portuguesas é o país onde mais tardiamente a literatura se desenvolveu devido ao atraso do aparecimento de condições socioculturais propícias ao surgimento de vocações literárias. Esse atraso se deu, sobretudo, ao fato da Guiné ser uma colônia de exploração e não de povoamento, tendo Estado por um longo período sob a tutela do governo da colônia de Cabo Verde.

São vários os elementos que explicam essa situação. Primeiramente, uma política educativa colonial restritiva e tardia. Com efeito, o primeiro estabelecimento de ensino secundário só foi aberto em 1958, enquanto que, por exemplo, em Cabo Verde o primeiro liceu foi inaugurado na Praia em 1860. O acesso ao ensino era bastante restrito,

estando dele excluída a maioria da população (99,7% em 1961) abrangida pelo Estatuto do Indigenato.

A imprensa também chegou tardiamente à colônia, em 1879, enquanto que nas de mais colônias ela foi instalada entre 1842 e 1857. Os boletins oficiais, que possuíam secções reservadas a colaborações literárias, só apareceram em 1880, na medida em que entre 1843 (data em que apareceram os boletins nas outras colônias) e 1879 havia um boletim comum à Guiné e Cabo Verde, editado na Praia. A primeira editora pública, a Editora Nimbo, só apareceu depois da independência em 1987, tendo tido uma duração efêmera, fechando alguns anos depois.

A estas causas remotas, associam-se outras mais recentes que têm a ver com o pouco (ou quase nenhum) apoio que as autoridades do país têm prestado à promoção da cultura nacional em geral e à literatura em particular. A inexistência de bibliotecas, de uma casa de edições, a falta de dinamismo da própria União Nacional de Artistas e Escritores são alguns dos fatores que têm travado o desenvolvimento do movimento literário nacional. Abdulai Silá, o primeiro romancista contemporâneo do país, teve que fundar a sua própria casa de edições em 1994.

Poderemos distinguir quatro fases na literatura da Guiné em função do seu conteúdo: uma primeira fase anterior a 1945, uma segunda entre 1945 e 1970, outra entre 1970 e o fim dos anos 1980 e finalmente a fase iniciada na década de 1990.

1. A Literatura da Guiné-Bissau

1.1. As quatro fases na literatura da Guiné: A fase anterior a 1945

Os primeiros escritos no território guineense foram produzidos por escritores estabelecidos ou que viveram muitos anos na Guiné, muitos deles de origem caboverdiana. A maior parte das suas obras tem um carácter histórico, com a exceção da de Fausto Duarte (1903-1955), que se destacou como romancista, Juvenal Cabral e Fernando Pais Figueiredo, ambos as ensaístas, Maria Archer, poetisa do exotismo, Fernanda de Castro, cuja obra dá conta das transformações sociais da colônia na época e João Augusto Silva, que recebeu o primeiro prêmio de literatura colonial. Porém a maior parte destes autores caracteriza-se por uma abordagem paternalista e/ou próxima do discurso colonial.

Durante este período apenas uma figura guineense se destaca: o Cônego Marcelino Marques de Barros que deixou trabalhos no domínio da etnografia, nomeadamente “A literatura dos negros” e uma colaboração com caráter literário dispersa em obras diversas. A ele se deve a recolha e a tradução de contos e canções guineenses em diferentes publicações e numa obra editada em Lisboa em 1900, intitulada “Contos, Canções e Parábolas”.

1.2. O período entre 1945 e 1970

É neste período que surgem os primeiros poetas guineenses: Vasco Cabral e António Baticã Ferreira. Amílcar Cabral, com uma dupla ligação à Guiné e à Cabo Verde fazem também parte desta geração de escritores nacionalistas. A literatura deste período caracteriza-se pelo surgimento da “poesia de combate” que denuncia à dominação, à miséria e o sofrimento, incitando a luta de libertação.

Embora os primeiros poemas de Amílcar Cabral revelem um autor caboverdiano, a maior parte da sua obra literária é dominada por um cunho universalista, marcada pela contestação e incitação à luta.

Vasco Cabral é certamente o escritor desta geração com a maior produção poética e o poeta guineense que maior número de temas abordou. A sua pluma passa do oprimido à luta, da miséria à esperança, do amor à paz e à criança. Inicialmente com uma abordagem universalista, a sua obra se orienta, a partir dos anos 1960 para a realidade guineense. Em 1981, publicou o seu primeiro livro de poemas intitulado “A luta é a minha primavera”, obra que reúne 23 anos de criação poética entre 1951 e 1974. Esta obra foi anteriormente publicada pela União Latina numa versão trilingue português, francês e romeno.

1.3. Dos anos 1970 ao fim dos anos 1980

Uma literatura exclusivamente poética: da poesia de combate à poesia intimista. Com a independência do país, surge uma vaga de jovens poetas, cujas obras impregnadas de um espírito revolucionário, manifestam um caráter social. Os autores mais representativos são: Agnelo Regalla, António Soares Lopes (Tony Tcheca), José Carlos Schwartz, Helder Proença, Francisco Conduto de Pina, Félix Sigá.

O colonialismo, a escravatura e a repressão são denunciados por esses autores que no pós-independência imediato apelam para a construção da Nação e invocam a liberdade e a esperança num futuro melhor. O tema da identidade é abordado através de diferentes situações: a humilhação do colonizado, a alienação ou assimilação e a necessidade de afirmação da identidade nacional.

Nota-se, porém que a questão de identidade não é apresentada como um fato de oposição entre o indivíduo e a sociedade na qual este evolui. Ela é analisada como um conflito pessoal do indivíduo, que consciente do seu desfaçamento cultural em relação à sociedade de origem, procura identificar-se com as suas raízes, da qual foi afastado pela assimilação colonial. Por conseguinte, nesta abordagem não se põe em causa a pertença do indivíduo à sociedade em questão. Embora o recurso ao crioulo seja marginal, os autores afirmam-se como cidadãos africanos.

As primeiras publicações poéticas surgem em 1977 com a edição da primeira antologia “Mantilhas para quem luta”, editada pelo Conselho Nacional da Cultura. No ano seguinte, é publicada a “Antologia dos novos poetas / primeiros momentos da construção”. Estas duas obras consagram uma poesia que instiga à reconstrução do jovem país. Ainda em 1978, Francisco Conduto de Pina publicou o seu primeiro livro de poemas “Garandessa di nô tchon” e Pascoal D’Artagnan Aurigema editou ‘Djarama. Helder Proença publicou em 1982.

Em 1990, surgiu uma nova coletânea poética, a “Antologia Poética da Guiné-Bissau” editada em Lisboa pela Editorial Inquérito, reunindo obras de quinze poetas, dos quais a maioria produz ainda uma poesia característica desta época.

1.4. A partir da década de 1990

Uma poesia mais intimista. O desencantamento dos sonhos do pós-independência imediato fez com que a euforia revolucionária desse lugar a uma poesia que se tornou mais pessoal, mais intimista, com a deslocação dos temas Povo-Nação para o Indivíduo. Outros temas passaram a inspirar a criação literária, tais como o amor. De entre os seus autores citemos: Helder Proença, Tony Tcheca, Félix Sigá, Carlos Vieira, Odete Semedo.

Embora o português continue a ser a língua dominante na poesia guineense, o recurso ao crioulo tornou-se mais frequente, quer pela escrita em crioulo, quer pela

utilização de termos e expressões crioulas em textos em português. Empregando o crioulo, os autores põem em evidencia a riqueza metafórica dessa língua, profundamente enraizada na cultura popular. Odete Semedo, que utiliza tanto o português como o crioulo, reivindica pertencer a duas culturas.

Finalmente a prosa. Foi apenas em 1993 que a prosa aparece na literatura contemporânea bissau-guineense. Foi Domingas Sami que inaugurou este estilo com uma recolha de contos “A escola” sobre a condição feminina na sociedade nacional. Em 1994, surge o primeiro romance de Abdulai Silá, “Eterna Paixão”, que publicou outros dois romances: “A última tragédia”, traduzido para francês e “Mística” em 1997. Na sua obra Silá põe em destaque a coabitação na sociedade colonial das duas comunidades presentes, a colonizadora e a colonizada. A transição para uma sociedade pós-colonial onde uma nova elite saída da luta de libertação se instala no poder, fazendo contrastar o seu discurso revolucionário com uma prática desastrosa na governação do país, é visitada pela pluma atenta do escritor. O seu romance “Mística”, publicado um ano antes do início da guerra civil de 1998/1999 é considerada pelos críticos literários como uma obra profética.

Em 1997, Carlos Lopes, autor de numerosas obras de carácter histórico, sociológico e político, inauguram a sua incursão na literatura nacional com a publicação de “Corte Geral”, uma recolha de crônicas, na qual, com muito humor, descreve situações reveladoras do surrealismo que caracteriza a sociedade guineense de todos os tempos.

Outro escritor se impõe em 1998 na cena literária: Filinto Barros, com o seu primeiro romance “Kikia Matcho”, que mergulha o leitor no mundo mágico e místico africano, abordando a vida decadente da capital nos anos 1990 e o sonho falhado que representa a emigração. Em 1999, Filomena Embaló publicou também o seu primeiro romance, “Tiara”, que levanta o véu do delicado tema da integração familiar e social no seio da própria sociedade africana. Em 1999, Filomena Embaló publicou também o seu primeiro romance, “Tiara”, que levanta o véu do delicado tema da integração familiar e social no seio da própria sociedade africana.

Carlos Edmilson Vieira, em 2000, editou “Contos de N’Nori”, uma recolha de contos que evocam lendas e costumes populares, recordações de brincadeiras da juventude e as vicissitudes sociais e políticas da sociedade guineense. Constata-se que a

literatura contemporânea bissau-guineense, nas suas diversas formas, tem uma constante: pela pluma dos seus escritores, ela retrata as desilusões, os medos e as aspirações da população perante a situação política, social e econômica que prevalece no país.

2. A infância e a juventude de Amílcar Cabral

Cabral viveu parte da sua infância e da sua juventude num período conturbado da história de Cabo Verde, que ficou marcado, a nível social e econômico, pela crise agrícola, pela miséria e pela fome, mas também pela ocupação de algumas centenas de soldados portugueses, por uma possível invasão estrangeira durante a Segunda Guerra Mundial. Cabral também ficou marcado por um período conturbado em termos culturais literários, nomeadamente o movimento da Claridade para a geração da Certeza.

A escrita poética foi neste período a única forma de expressão utilizada por Cabral. Foi através dele que descreveu a forma de como viu e interpretou a sociedade cabo-verdiana. Anos mais tarde, o próprio Cabral descreveu essa forma de expressão como “uma manifestação artística (que) apesar de toda a característica individual, imanente da personalidade do Poeta, é necessariamente um produto de meio em que tem expressão (quer isto dizer que) por maior que seja a influência do próprio indivíduo sobre a obra que produz esta é sempre, em última análise, um produto do complexo social em que foi gerada (que tem) as suas raízes mergulhadas nas condições socioeconômicas em que é criada”. Assim, Cabral demonstra um precioso instrumento de influência da sociedade cabo-verdiana no processo de formação e modelação da sua personalidade.

O patrimônio poético de Cabral foi marcado por um processo evolutivo, da qual destacamos três fases. A primeira fase, que se aproxima do movimento Claridade “que surge, dando forma às coisas reais, apontando o mar, as rochas escalvadas, o povo a debater-se nas crises, a luta do povo cabo-verdiano, enfim a terra e o povo de Cabo Verde”.

Influenciado pelo movimento Claridade a primeira fase da poesia de Cabral ficou marcada pela denúncia do drama, da seca, da fome, miséria e abandono a que tinha sido vetado o homem e o arquipélago, pela mão do homem (neste caso Portugal), mas também pela própria natureza, destacado nesse poema:

Um Sol
Cansada, exausto e triste
a vida se define
à luz
dos raios deste sol abrasador
que queima a Natureza
e a beleza
transforma lentamente
em cinzas dum passado
inolvidável...

Eu sofro ao ver assim
sofrer,
chorar,
finar,
os filhos da Natureza!

Mas eis que um Sol brilhante
misterioso;
eu vi nascer na terra
e a Vida trouxe à vida...

Um sol que alegra e afaga,
e não queima...

No poema Um Sol, Cabral solidariza-se com o sofrimento da terra e dos caboverdianos. Ao mesmo tempo em que prenuncia o tema de aridez, apresenta em tom profético um futuro de esperança para o seu povo.

A segunda fase da sua poesia, já inserida no contexto da Academia Cultivar e da Geração Certeza, fruto da evolução e da influência dos poetas da Claridade onde “os Poetas – o contacto com o Mundo é cada vez maior – sentem e sabem que, para além da

realidade caboverdeana, existe uma realidade humana, de que não podem alhear-se”.

Desta fase destacamos o poema:

Que fazer

(...)

Eu não compreendo a vida:

Há luta entre os humanos,

Há guerra;

Há fome e há injustiça

imensa:

Há pobres seculares,

Aspirações que morrem...

Enquanto os fortes gastam

Em gastos não precisos

aquilo que os outros

querem...

(...)

O assunto do poema já não é apenas a sociedade cabo-verdeana e o lamento das suas agonias, mas sim, uma realidade humana inteira que sofre. Foi um mundo novo que se abriu para Cabral, onde a abordagem de temas como a guerra e as contradições sociais marca um novo período poético de Cabral.

A terceira fase da sua poesia ficou marcada pela reunião das duas vertentes anteriores, mas, sobretudo pela necessidade de transcender o cantar das dificuldades do arquipélago “onde as árvores morrem de sede, os homens de fome – e a esperança nunca morre”.

Segue o teu rumo irmão

Segue o teu rumo irmão:

Para além dos montes que

sangram

Há planícies sem fim onde

reina a Vida.

Da terra redimida

libertada

brota flores perfumadas

o saboroso Pão.

(...)

Considerações finais

Cabral recusa o papel de simples poeta espectador-narrador para dar início a uma terceira fase, a de ator-participante. Assim, dada à importância da literatura em Guiné-Bissau e seu tardio desenvolvimento devido ao atraso em relação à economia, a limitação das fontes de pesquisa e a insuficiência de informações não nos impediram de conhecer todas as fases pela qual já passaram, estão passando e que ainda irão passar nos proporcionando apreciar a criatividade dos poetas guineenses.

Nas três fases do poeta Amílcar Cabral, destacamos um enorme processo evolutivo, de homem marcado pela seca, fome, miséria e abandono; solidariedade com o sofrimento da terra e dos cabo-verdianos; há necessidade de transcender o cantar das dificuldades do seu povo. Podemos dizer que foi a sua vivência que mais tarde levou Cabral a abranger Cabo Verde a luta de libertação.

Bibliografia

CABRAL, Amílcar Lopes. A poesia de Amílcar Cabral. A sociedade cabo-verdiana vista através da sua poesia, Lisboa: Seara Nova, 1978.

EMBALÓ, Filomena. Breve resenha sobre a literatura da Guiné-Bissau. Novembro de 2004